

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS – CAMPUS DE BAURU
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**FORMAÇÃO DOCENTE E O ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA JUNTO ÀS
CRIANÇAS COM 6 ANOS DE IDADE NO 1º. ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL:
A PERSPECTIVA DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

EZEQUIEL DE MELO

**BAURU
2011**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS – CAMPUS DE BAURU
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**FORMAÇÃO DOCENTE E O ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA JUNTO ÀS
CRIANÇAS COM 6 ANOS DE IDADE NO 1º. ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL:
A PERSPECTIVA DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

EZEQUIEL DE MELO

Orientadora: Prof^a. Dra. Lílían Aparecida Ferreira

Monografia apresentada ao Departamento de Educação Física da Faculdade de Ciências da UNESP de Bauru, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciatura em Educação Física.

**BAURU
2011**

DEDICATÓRIA

Obrigado meu Deus que ilumina minha vida hoje e sempre e me proporciona caminhos maravilhosos.

Dedico aos meus pais, Dona Celina e Seu Zé (Zezinho), que me educaram e sempre aceitaram as escolhas que fiz e que me criaram com honestidade, respeito, aos trancos e barrancos e que como eu, nunca sonhara que eu chegaria até aqui, mas que me deram toda a base para eu ser o cidadão que sou e ter conquistado mais esta etapa, contrariando as estatísticas;

A minha irmã Devanilde e meu irmão Samuel, que sempre me deram muita força, mesmo na fase de Cursinho em que achavam que eu era louco por estar estudando muito, mas que estão sempre por perto, apesar da distancia;

As minhas sobrinhas, Tatiane e Gabriela por me contrariarem muitas vezes e assim me proporcionar à reflexão;

Professora Lílian que acreditou em mim e que eu admiro imensamente.

E a minha amada, namorada, amiga e futura noiva Patrícia Cavalcanti que me proporciona momentos de muita alegria, paciência, respeito, companheirismo, compreensão e muito amor de forma incondicional, o que me fortalece nas horas difíceis.

Lembrá-los que essa é uma vitória nossa,

Conseguimos.

AGRADECIMENTOS

“Muito obrigado aos grandes amigos que me ajudaram a crescer, e aos não tão amigos assim que me forçaram a crescer”

Agradeço a Deus, pela saúde que tenho e por sempre me proporcionar momentos de muita alegria por onde tenho andado, e por ter colocado as pessoas que mencionarei a seguir no meu caminho;

Muito obrigado aos meus amigos de ontem, hoje e sempre, Hugo, Ivaldo (véio), Paulinho (Portugues), Duda, Wagner, Rogério, Estéfano, Diogo, Douglas, Adão, Jorge, kinho, Ricardo, Jeferson (juruna) e outros que fazem parte da minha história.

A família Ferraz que são pessoas maravilhosas e que sempre me deixam motivado para continuar, em especial ao Felipe e Thiago que me ajudou nas redações para passar no vestibular e me ensinaram o que é ser um profissional da recreação, a dona Jane que sempre me animou com suas palavras de otimismo e confiança em mim. A família Cavalcanti que me dão apoio e incentivo, Sr. Francisco, Dona Aite, que me apóiam e incentivam e que deixaram essa filha maravilhosa, ao Flávio meu irmão de coração e que está sempre disposto a me ajudar. Agradeço ao pessoal do cursinho “prestes vestibulares” da cidade de Carapicuíba, onde passei três anos e conheci pessoas impar que me deixam muito orgulhoso por fazer parte da família prestes, Professor Tarcísio que me motivou muito e me deu total apoio, professor Alex (foram vários feriados e finais de semana, só para eu aprender matemática, que paciência), professor Vicente (que me deu a primeira oportunidade e ficar em bauru), professora Maria Helena com sua insistência e dedicação, Renato, Marcos, Renata, Teubislete (Bila), Alessandra com sua paciência, Antonio, a dona Guiomar (a maezona do cursinho), e os alunos Gabriel, Sirlei Renata, Juliana Oliveira, Fernanda (pequena), Aline (amiga inigualável e minha companheira de

estudos nos domingos e feriados), Carina, Julio, Cícero, Grégori, Vívian, Marcinha, Luana, Idieme, Deise, e outras pessoas que não estão relacionadas, mas que contribuíram com a minha formação.

Agradeço a quase todos os professores do departamento de Educação Física da UNESP de Bauru, que dedicaram seu tempo a me ensinar, não só sobre a disciplina, mas sobre a vida, quero registrar aqui alguns nomes que agradeço imensamente pela paciência, atenção, preocupação e pela oportunidade de participar dos projetos de extensão, são eles: Professores(as) Júlio Wilson (oportunidades que fizeram a diferença em minha vida), Mauro Betti (me motivou a ficar em Bauru no meu 1º ano de graduação), Paulo Leal (um exemplo para mim), Neuzinha (pessoa maravilhosa que me tratou como um filho), Márcio, Dagmar, Denise, Ana Maria Freire (com seu coração enorme), Fernanda Rossi, a professora Márcia Cristina Perez (minha orientador inicial, que acreditou nas minhas idéias, mas que por conta da distância resolvemos interromper o trabalho) e a professora Lílian que aceito me orientar e que eu tenho muito orgulho de conviver, no projeto de extensão, no núcleo de estudos, o que me engrandece como pessoa, muito obrigado por tudo. Agradeço também a todos os participantes do grupo de estudos GEPIFE e do núcleo de estudos NEPATC, pois esses contribuíram muito para minha formação acadêmica, o que só foi possível com os diálogos proporcionados por todos. Não poderia deixar de falar do Bruno do departamento de Educação Física e do pessoal dos projetos de extensão no qual participei, agradeço a todos os integrantes desses projetos que me acolheram e compartilharam experiências, alegrias e incertezas.

Ao projeto Colméia que me acolheu de uma forma muito calorosa de braços abertos. Aos professores das escolas que estagiei ao longo dessa trajetória, professores(as) Maria José, Cinthia, Roger, Celi, Claudio e Mariana e a todos do projeto “gol”.

A família Felício das corridas de rua, Mauro, Patrícia, Sr Luis, Erick, Juninho e os demais membros da família que sempre me trataram muito bem, aos meus companheiros de trabalho Aldo e ao Rogério, nos divertimos muitos nessas corridas e viagens.

Agradecimento especial aos professores de Educação Física da rede municipal de Bauru que permitiram que eu fizesse esse trabalho e que me receberam com muito carinho e respeito.

Meus colegas de turma, sem exceção, pois esta sendo muito rica a convivência com todos, aos graduandos Fernanda Bianchini, Stefani, Francisca (chica), Aline pela convivência e apoio e finalmente aos meus irmãos de república, inicialmente ao Gabriel e Leiliane e posteriormente e atual, Kaue Arrais (companheiro para todas as horas), Marcio Raphael (japa), Rafael (Agripino) e o Ronaldo (Demori) que dividiram momentos de muitas alegrias e tensões, mas que sempre me trataram com muito respeito, companheirismos, dedicação e carinho até os dias atuais.

RESUMO

Tendo em vista que existem poucos professores de Educação Física atuando na Educação Infantil, agora, por conta do Ensino Fundamental de nove anos - recebendo crianças com 6 anos de idade, isto parece se constituir como um desafio para os professores. Por isso, nos interessou mobilizar esforços para compreender como está sua formação diante deste novo contexto e como está sendo essa entrada dos alunos de 6 anos de idade no Ensino Fundamental. Partindo da perspectiva do professor de Educação Física que está atuando nesse contexto. Neste sentido, o objetivo da presente investigação foi analisar a formação docente e o ensino da Educação Física junto às crianças com 6 anos de idade ingressantes no 1º ano do Ensino Fundamental sob a perspectiva dos professores de Educação Física que atuam neste campo. O presente estudo foi direcionado pelos princípios da pesquisa qualitativa, fazendo a coleta por meio da entrevista semi-estruturada. Participaram da investigação 11 docentes de Educação Física atuantes no 1º ano do Ensino Fundamental. As categorias de análise que emergiram do nosso estudo foram: 1 Formação docente; 2 O Ensino Fundamental de 9 anos para as crianças com 6 anos de idade; 3 O ensino da Educação Física na Educação Infantil: reflexões sobre seus limites e suas possibilidades. Podemos apontar que a Educação Física na escola ainda é reconhecida como algo sem importância, embora a LDB 9394/96 art. 26 § 3º, tenha outorgado sua obrigatoriedade, isto não é suficiente para mudar o cenário que se apresenta. Escola ainda é considerada, por muitos, como um espaço no qual se separa o corpo do cognitivo. Por isso, para muitos, a brincadeira da criança é sem valor e a Educação Física é sem valor. Os professores aqui entrevistados revelam que vem concentrando esforços em fazer uma Educação Física de melhor qualidade, especificamente entre as crianças do 1º ano, tentando atender suas expectativas e necessidade características do universo das infâncias.

Palavras-chave: Infâncias; Educação Física Escolar; Formação Docente

ABSTRACT

Since there are few physical education teachers working in kindergarten, now, due to the elementary school for nine years - getting children 6 years of age, this seems to be a challenge for teachers. Therefore, interested in mobilizing efforts to understand how your training is on this new context, and how is this entry of students from 6 years old in elementary school. From the perspective of the physical education teacher who is acting in this context. In this sense, the objective of this study was to analyze teacher training and teaching of physical education among children 6 years of age entering the first grade of elementary school from the perspective of Physical Education teachers who work in this field. This study was guided by the principles of qualitative research, making the collection through semi-structured interview. 11 participated in the investigation of physical education teachers working in the first grade of elementary school. The categories of analysis that have emerged from our study were: 1 Teacher training; 2 The 9-year elementary school for children 6 years of age; 3 Teaching Physical Education in Early Childhood Education: Reflections on its limits and its possibilities. We can point out that physical education in school is still recognized as unimportant, although the LDB 9394/96 art. 26 § 3, have given your requirement, this is not enough to change the scenario that presents itself. School is still considered by many as a space in which the body is separated from the cognitive. Therefore, for many, the play of children is worthless and physical education is worthless. Teachers interviewed here reveal that has focused efforts on making a better quality of physical education, especially among children 1 year, trying to meet their expectations and need characteristics of the universe of childhood.

Key-words: Childhood; School Physical Education; Teacher's Education.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	30
-----------------	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 - FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DOCENTE	14
1.1. Contemporaneidade, Formação e Desenvolvimento Profissional.....	16
1.2. Formação de Professor de Educação Física na Educação Infantil ¹	19
CAPÍTULO 2 - INFÂNCIAS E EDUCAÇÃO FÍSICA NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	23
2.1. Infâncias.....	23
2.2. Educação Física no 1º ano do Ensino Fundamental	28
CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA.....	31
3.1. Roteiro de entrevista.....	32
3.2. Organização dos dados	32
CAPÍTULO 4 - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	34
4.1. Formação Docente	34
4.2. O papel da Educação Física no Ensino Fundamental de 9 anos para as crianças de 6 anos de idade	37
4.3. O Ensino da Educação Física na Educação Infantil: reflexões sobre seus limites e suas possibilidades	39
ALGUMAS REFLEXÕES.....	44
REFERÊNCIAS.....	46
ANEXO 1.....	49

INTRODUÇÃO

Com a Lei n. 11.274 (BRASIL, 2006), o Ensino Fundamental passa a ter nove anos, no Brasil, e estabelece o ingresso de crianças a partir dos 6 anos, o que já é feito em vários países e em alguns municípios brasileiros há muito tempo.

Em tal cenário de alteração, quando fui fazer meu primeiro estágio curricular no meu curso de licenciatura em Educação Física, me deparei com professores com posicionamentos distintos em relação ao Ensino Fundamental de nove anos, ou seja, alguns entendiam como algo positivo e outros como um problema para a educação das crianças tão pequenas. Estas diferentes perspectivas foram mobilizando minha curiosidade acerca do tema, pois me questionava: Será que esta mudança está sendo positiva ou não para as crianças de 6 anos? Como a escola se organizou para receber este novo público? E os professores, estão preparados para atuarem adequadamente junto a estas crianças? Tendo em conta estas interrogações, resolvi estudar esse processo de mudança, dando relevo ao olhar do professor de Educação Física que está atuando com crianças de 6 anos.

A inclusão de crianças de 6 anos no Ensino Fundamental exigirá enfrentamentos entre Educação Infantil e Ensino Fundamental, posicionamentos dos docentes nas práticas escolares, levando-se em conta a singularidade das ações infantis e o direito à brincadeira, à produção cultural e ao ensino dos conteúdos escolares de forma significativa e adaptada à ampliação dos anos escolares do ensino obrigatório.

Segundo Perez (2009):

A compreensão da infância varia historicamente e as crianças e educadores estão sempre em contínua transformação. Os processos de socialização da criança sempre motivaram preocupação central no cenário acadêmico, pedagógico e familiar constituídos na Modernidade. Sendo assim a relevância de investigarmos as representações, expectativas e práticas educativas em torno da questão atual da ampliação do ensino fundamental e obrigatório na educação escolar brasileira, atrelado ao ingresso da criança de seis anos no primeiro ano, intensifica a necessidade de investimentos

quanto às implicações dessa normatização no âmbito pedagógico e na articulação com as concepções da infância (PEREZ, 2009, p.68).

Por conta do Ensino Fundamental de nove anos obrigatório estar em pleno processo de adaptação, tanto do componente estrutural da escola, como na parte administrativa e pedagógica, é fundamental que pesquisas sejam realizadas para que possamos compreender e intervir adequadamente no campo.

Neste cenário, a Educação Física atende uma parcela muito pequena da Educação Infantil, e dos anos iniciais do ensino fundamental sobretudo por conta das legislações municipais que, até recentemente, não contratavam profissionais da Educação Física. Com a LDB (Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº. 9.394/96, Art.26, § 3º), tal área passou a ser “componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar” à partir daí, em muitos municípios, os professores de Educação Física deram início ao trabalho com esta população.

Tendo em vista que existem poucos professores de Educação Física atuando na Educação Infantil, agora, por conta do Ensino Fundamental de nove anos - recebendo crianças com 6 anos de idade, isto parece se constituir como um desafio para os professores. Por isso, nos interessou mobilizar esforços para compreender como está sua formação diante deste novo contexto e como está sendo essa entrada dos alunos de 6 anos de idade no Ensino Fundamental partindo da perspectiva do professor de Educação Física que está atuando nesse contexto.

Neste sentido, o objetivo da presente investigação foi analisar a formação docente e o ensino da Educação Física junto às crianças com 6 anos de idade ingressantes no 1º ano do Ensino Fundamental sob a perspectiva dos professores de Educação Física que atuam neste campo.

No capítulo 1 tratamos do Ensino Fundamental de nove anos, da formação de professores de Educação Física para a Educação Infantil e a atuação docente. Tratamos também de alguns apontamentos do Ministério da Educação (MEC) em relação ao Ensino Fundamental de 9 anos.

Já no capítulo 2 abordamos as infâncias e o posicionamento de alguns autores referente a esse tema, falamos também da Educação Física no 1º ano do Ensino Fundamental e o primeiro ano do Ensino Fundamental.

A trajetória metodológica é apresentada no capítulo 3, circunscrevendo a abordagem de pesquisa, técnica de coleta, organização da análise dos resultados e identificação das categorias.

No capítulo 4 apresentamos a análise dos dados organizada em 3 categorias, são elas: 1. Formação docente; 2. O papel da Educação Física no Ensino Fundamental de 9 anos para as crianças de 6 anos de idade; 3. O Ensino da Educação Física nas séries iniciais do Ensino Fundamental: reflexões sobre seus limites e suas possibilidades.

Nas reflexões finais trataremos das constatações desse estudo.

CAPÍTULO 1

FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DOCENTE

De acordo com Brasil (2007) o Ensino Fundamental está passando por ajustes na procura de atender uma porcentagem maior da população brasileira. Uma vez que um dos argumentos é que essa mudança tem caráter social, de possibilitar aos alunos que se encontram em situação socioeconômica desfavorecida, sua entrada na escola com 6 anos de idade, garantindo assim um ano a mais de escolarização.

De uma forma geral, essa medida vem atender as crianças que estudam em escolas públicas, pois as que estudam em escolas particulares já entravam na escola com 6 anos de idade, até mesmo por que as escolas particulares já se organizavam para atender essas crianças.

Essa mudança se consolidou com a Lei nº 11.274 (BRASIL, 2006), as escolas tiveram o prazo até 2010 para se adequarem ao novo Ensino Fundamental, agora com nove anos de duração e que as crianças passam a entrar na escola obrigatoriamente com seis anos de idade.

O discurso oficial que trata das crianças do primeiro ano do Ensino Fundamental, alunos de seis anos de idade, legitima que,

O ingresso dessas crianças no ensino fundamental não pode constituir uma medida meramente administrativa. É preciso atenção ao processo de desenvolvimento e aprendizagem delas, o que implica conhecimento e respeito às suas características etárias, sociais, psicológicas e cognitivas. (BRASIL, 2007, p.6).

É legítima a preocupação com as crianças de 6 anos de idade, porém é preciso mais que uma lei, pois essa por si só não dá conta de atender as necessidades que envolvem uma mudança dessa proporção, “não basta dizer que todos, sem qualquer exceção, têm o mesmo direito de ir à escola; é necessário também que tenham a mesma possibilidade.” (SAVELI, 2008, p. 68).

Dentre os vários elementos importantes neste processo de mudança, um deles se refere à formação docente, ou seja, em que medida o desenvolvimento profissional do professor, tanto na formação inicial quanto na formação continuada, abarca este novo foco de atuação, bem como, as necessidades, expectativas e características das crianças de 6 anos de idade.

Segundo Nascimento (2006, p.60) “[...] a formação inicial é a denominação freqüentemente atribuída à etapa de preparação voltada para o exercício ou qualificação inicial da profissão”.

Já a formação continuada está relacionada aos processos de aprendizagem docente que se constroem após a formação inicial, uma vez que a profissionalidade do professor tem uma demanda formativa que se alimenta por um *continuum* ao longo de toda esta trajetória profissional. Tal processo “[...] Visa também atender as necessidades de aprendizagem de acordo com as alterações ou transformações verificadas na própria área” (NASCIMENTO, 2006, p.60).

Relacionado à formação continuada, existem cursos de curta duração, o qual, muitas vezes os professores das escolas públicas não conseguem fazer por conta dos custos e também da falta de tempo, pois ficam sobrecarregados com os afazeres da escola. Nestes cursos “[...] os resultados são raramente alcançados e a responsabilidade pelo fracasso recai sobre o professor que não atende as expectativas” (FERRAZ, 2001, p.105).

Contudo, a formação continuada não se resume a um curso, existem outras estratégias de proporcionar a contínua formação, como grupos de estudos ou grupos de discussões para troca de experiências. Ampliando ainda mais, podemos dizer que a formação continuada envolve toda a trajetória profissional docente indo além dos cursos e envolvendo o seu local de trabalho, a relação com seus colegas professores, os seus alunos, dentre outras experiências que as trocas no espaço escolar podem favorecer.

Vale destacar, porém, que essa formação só existirá se o professor estiver mobilizado e aberto a aprender, refletindo sobre as experiências vivenciadas, atento às mudanças, tendo suporte e incentivo dos órgãos que regularizam o contexto educacional. Afinal, como defende Freire (1996, p.51): “[...] O importante, não resta dúvida, é não pararmos satisfeitos ao nível das intuições, mas submetê-las à análise metodicamente rigorosa de nossa curiosidade epistemológica.”.

Estas dinâmicas formativas são fundamentais para que os professores possam aprender e desenvolver sua própria profissionalidade, entretanto, a formação continuada não pode ser culpada por todas as falhas na atuação do professor, uma vez que a formação inicial deve assumir sua parcela de responsabilidade neste processo formativo, tendo em conta que é neste momento que o professor constrói os elementos primeiros da sua profissão: construção afetiva sobre a docência, entrada na escola e análise deste cenário, experiências de regência na escola, debates conceituais e os procedimentos da área, dentre tantos outros.

1.1 CONTEMPORANEIDADE, FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

Com o avanço tecnológico a sociedade contemporânea tornou-se extremamente dinâmica, sendo que as mudanças acontecem de forma rápida e constante, as informações são transmitidas em segundos pelo planeta, alcançando um número inimaginável de pessoas. O conhecimento e a informação são produzidos e consumidos rapidamente. Por um lado, há uma democratização do acesso a coisas que antes demoravam muito para serem acessadas, por outro esta velocidade tem contribuído para uma relação de efemeridade com a própria vida, ou seja, tudo é passageiro por isso não tem importância.

Esse é um dos desafios da educação, conseguir acompanhar essas rápidas mudanças e fazer com que os professores estejam atentos e atualizados a tudo que os cercam para que consigam dialogar com seus alunos, mediando momentos de reflexão e decisão. Esteve (2008) demonstra muito bem o descompasso que existe entre o que é ensinado e a realidade do aluno:

A situação dos professores perante a mudança social é comparável à de um grupo de actores, vestidos com traje de determinada época, a quem sem prévio aviso se muda o cenário, em metade do palco, desenrolando um novo pano de fundo, no cenário anterior. (p. 97).

Ainda de acordo com Esteve (2008, p. 100): “há um autêntico processo histórico de aumento das exigências que se fazem ao professor, pedindo-lhe que assuma um número cada vez maior de responsabilidade.” Já que, cada vez mais, a sociedade, de uma forma geral, deixa para a escola o papel de educar as crianças, ignorando a responsabilidade familiar.

A instituição escolar, representada por seus membros, por outro lado também enfrenta uma série de desafios, como: deficiências estruturais, organizacionais, carência de investimento e políticas públicas que contribuam com a sua melhoria.

As universidades que, em seu início tinham o objetivo de formar o ser humano de maneira universal, fazendo com que seus conhecimentos fossem o mais amplo possível, atualmente vivem sob a pressão do mercado para a formação de profissionais cada vez mais especializados e com conhecimentos muito específicos. Essa preocupação com a formação vem sofrendo alterações há muito tempo, mas nem sempre de forma satisfatória.

Daí a discussão acerca da elaboração do currículo dos cursos que formam professores, pois muitos dão maior ênfase para questões técnicas se importando mais com a colocação do profissional no mercado de trabalho, deixando de lado a formação crítica. De acordo com Nóvoa (2008),

A formação de professores é, provavelmente, a área mais sensível das mudanças em curso no sector educativo: aqui não se formam apenas profissionais; aqui produz-se uma profissão. Ao longo da história, a formação de professores tem oscilado entre *modelos académicos*, centrados nas instituições e em conhecimentos “fundamentais” e *modelos práticos*, centrados nas escolas e em métodos “aplicados”. (p. 26, grifos do autor).

Na sociedade contemporânea, segundo Tardif e Zourhlal (2005), ocorre um embate entre os responsáveis pela elaboração dos currículos acadêmicos e os professores que atuam nas escolas, esses últimos alegam que o conteúdo apreendido na universidade não está de acordo com o contexto e necessidade dos alunos das escolas.

Os mesmos autores alegam que para conseguir elaborar um bom currículo acadêmico é necessário que os organizadores valorizem as experiências dos professores atuantes no contexto escolar e que esse currículo consiga preparar o futuro professor para as mudanças e realidades com que irá se deparar.

Na perspectiva de Saviani (2009, p.149), “Em verdade, quando se afirma que a universidade não tem interesse pelo problema da formação de professores, o que se está querendo dizer é que ela nunca se preocupou com a formação específica [...]”.

As universidades têm seus interesses particulares e, muitas vezes, a preocupação com a formação de professores não está incluída em suas prioridades, quando na verdade deveria ser o centro dos cursos de licenciatura, uma vez que devem se preocupar em formar docentes reflexivos e ativos.

Segundo Nóvoa (1995, p.25): “A formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que fornece aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de autoformação participativa”, dessa forma de nada adianta ficar procurando o responsável pelo andamento da educação ou da falta dela sem o comprometimento de todos os envolvidos nesse processo de formação.

Para que o desenvolvimento profissional docente ocorra é necessário que os futuros docentes e as universidades estejam dialogando em sintonia e que tenham os mesmos propósitos, pois é na formação inicial que os futuros professores têm um contato significativo com o aprender a ensinar. É na universidade que o futuro docente deixa de lado a situação de aluno para pensar e agir como professor. É neste momento que ele precisa entender não só o conteúdo a ser ensinado, mas também deve compreender como ensinar, necessita refletir sobre suas atitudes e como elas podem influenciar na aprendizagem de seus futuros alunos, esse profissional precisa estar a todo o momento procurando novas maneiras de ensinar e acompanhar as mudanças da sociedade.

Segundo Tardif e Lessard (2008),

Em qualquer ocupação, arte ou ciência, ofício ou profissão, a relação do trabalhador com o seu objeto de trabalho e a própria natureza desse objeto são essenciais para se compreender a atividade em questão. (p.31).

Dessa forma, a relação do professor com o aluno deve ser a melhor possível, para isso os docentes precisam estar preparados e dispostos a proporcionar essa relação, aluno-professor, professor-aluno, aluno-aluno. O preparo desse professor é importante para que esse consiga compreender o contexto de seus alunos e procurar elaborar as aulas de acordo com suas particularidades e necessidades.

Nóvoa (1995, p. 29) completa que “para a formação de professores, o desafio consiste em conceber a escola como um ambiente educativo, onde trabalhar e formar não sejam actividades distintas”. Subentende-se que o ambiente de formação

deva ser composto por pessoas de origens diversas, com diferentes interesses e necessidades, mas que tenham as mesmas finalidades e objetivos.

Ainda referente a este contexto de diversidade da escola, faz-se necessário pensar sobre os diferentes componentes curriculares que dela fazem parte, reconhecendo que eles nutrem distintas histórias e trajetórias que, conseqüentemente, influenciam os processos de formação docente. É com tal propósito que a seguir trataremos da formação do professor de Educação Física.

1.2 FORMAÇÃO DE PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Estamos usando a nomenclatura Educação Física Infantil porque esta é uma nomenclatura que a área da Educação Física, em suas produções acadêmicas, mesmo após a LDB de 1996, ainda se utiliza para delimitar as crianças de 0 a 10 anos de idade que frequentam as séries iniciais do Ensino Fundamental.

A Educação Física ganhou um novo aliado para contribuir com o desenvolvimento da criança de forma orientada, que nesse caso são os professores de Educação Física. Com a Lei nº 11.274 de 6 de fevereiro de 2006, as escolas de Ensino Fundamental aumentaram um ano de duração, quem ganha com isso são as crianças que terão um ano a mais de Educação Física direcionada, mas isso não basta. É necessário que esses professores que atuam com essas crianças estejam preparados.

De acordo com Nunes, Bracht e Aroeira (2006):

Os profissionais envolvidos devem tomar a criança como ponto de partida para a formulação das propostas pedagógicas a partir das necessidades dos pequenos em seus diferentes momentos, ou seja, pensar na parceria junto às crianças considerando e valorizando suas experiências e interesses. Além disso, deve-se respeitar a maturação e as divergências desde os recém nascidos até os que se preparam para a 1ª série. Não significa estabelecer uma distinção específica por idade e nem subordiná-la ao ensino fundamental, trata-se de considerar essa articulação, sempre tomando a criança como prioridade e não o ensino fundamental pré-existente. (p.276).

Para que os professores consigam se aproximar de seus alunos e procurar entendê-los é necessário um preparo adequado, essa preparação começa na graduação, mas para isso os professores universitários também precisam estar comprometidos com a formação do profissional que irá atender este público, pois

para ensinar é necessário, antes, compreender o que vai ser ensinado e para quem será ensinado.

Pensar sobre a infância na escola e na sala de aula é um grande desafio para o ensino fundamental que, ao longo de sua história, não tem considerado o corpo, o universo lúdico, os jogos e as brincadeiras como prioridade. (NASCIMENTO, 2007, p.30).

Nunes, Brachth e Aroeira (2006), afirmam ainda que “ao focar-se reflexão sobre a formação e currículo do profissional de Educação Física para o trabalho com a Educação Infantil nota-se que a formação em Educação Física pouco contempla a intervenção na Educação Infantil”. Os currículos das faculdades deixam pouco espaço para a formação inicial dos professores para esse contexto.

Com a lei 9394/96 a Educação Infantil passou a fazer parte da Educação Básica, porém com pouca força, o contexto histórico da Educação Física demonstra vários enfoques para a área o que a enfraquece, deixando a formação vulnerável por falta de referências, não se pode apontar quais são os motivos que a Educação Física ainda não engrenou na Educação Infantil, mas é possível dizer que os cursos em que os professores se formam como “especialistas” tem uma forma de valorização diferente dos professores polivalentes. A formação em Educação Física ainda não está preocupada em formar profissionais para trabalhar com esse público, enquanto que a Pedagogia está foca nas crianças, mas ao que parece é que o motivo maior é que “Ao profissional especializado, vem sendo atribuído um status superior na carreira docente” (SAYÃO, 1999, p.25). Já os professores com formação em pedagogia são os mais desvalorizados, dessa forma, fica mais fácil contratar um professor polivalente, podendo pagar menos, ao invés de contratar professores especializados.

Não estamos aqui afirmando que os professores de Educação Física precisam estar na Educação Infantil. Independente de quais sejam os profissionais atuantes na área, todos precisam estar preparados para que possam desenvolver um trabalho de qualidade, pois “o mais importante e fundamental é que a criança não seja privada da Educação Física a que tem direito.” (FREIRE, 1997, p.79).

Na perspectiva de Sayão (1999, p.223): “Partindo desse princípio, a Educação Infantil precisa definir sua própria organização curricular, desvinculando-se do modelo da escola”, ou seja, a Educação Infantil não pode ser considerada

apenas como um momento de preparação para o Ensino Fundamental, mas sim valorizar o momento da criança e se preocupar com desenvolvimento da mesma podendo sim se interessar em preparar os alunos para o futuro, mas sem desconsiderar e priorizar o presente. O Ensino Fundamental prioriza o letramento, alfabetização e raciocínio matemático, o que não deve acontecer na Educação Infantil, pois as crianças estão em outro momento, elas precisam brincarem, podem até terem os primeiros contatos com o conteúdo do Ensino Fundamental, mas não pode ser a prioridade para essas crianças.

Ferraz (2001) em sua pesquisa relacionada aos professores de Educação Física na Educação Infantil detectou que a Educação Física está presente apenas em 54% das escolas pesquisadas. A formação inadequada foi identificada como o principal motivo da inexistência de aulas de Educação Física. Nessa pesquisa o mesmo pôde identificar que apenas 1% dos professores tem formação em Educação Física, num total de 196 professores que atuam na Educação Infantil. É provável que tal resultado não seja por conta apenas do número de professores formados em Educação Física, mas como afirma Ferraz (2001): “O pressuposto básico é o de que as disciplinas que compõem as licenciaturas em geral estão distantes de uma adequada visão das tarefas, objetivos e problemas concretos do cotidiano de uma instituição escolar” (p.96).

Numa pesquisa feita por RANGEL-BETTI (2001), relacionada aos professores de Educação Física que atuam na Educação Infantil, evidenciou-se que:

A experiência mostrou aos professores que as estratégias a serem utilizadas com crianças de educação infantil devem ser sempre variadas, muito embora no início do ano letivo elas devam ser mais elaboradas e com a finalidade de chamar a atenção das crianças. (p.89).

Essa pesquisa mostrou um pouco da realidade que os professores encontram ao chegarem à escola, que por mais que tenham passado por um processo de aprendizagem na formação inicial, eles continuam aprendendo a lidar com aquele contexto somente depois de estarem inseridos nele, esse fato não é exclusividade dessa pesquisa.

Como apontamos até o momento, a formação docente, o Ensino Fundamental de nove anos e as Infâncias devem caminhar juntas no processo de formação, para

que as crianças de seis anos possam ser bem amparadas no Ensino Fundamental, de maneira que essas crianças não precisem deixar suas infâncias de lado porque saíram da Educação Infantil, que hoje é para crianças de até 5 anos de idade. A seguir falaremos especificamente sobre as infâncias, o 1º ano do Ensino Fundamental e a Educação Física no 1º ano do Ensino Fundamental.

CAPÍTULO 2

INFÂNCIAS E EDUCAÇÃO FÍSICA NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

2.1 INFÂNCIAS

No minidicionário Aurélio B. de H. Ferreira de Língua portuguesa a palavra infância é registrada como: “1. Etapa da vida humana que vai do nascimento à puberdade; puerícia, meninice. 2. As crianças.” (2004, p.476).

Porém, tal palavra é muito mais complexa que propriamente separarmos ou diferenciarmos as pessoas apenas pela faixa etária, existe uma complexidade de fatores que compõem a infância em sua particularidade.

Becker (2006) nos apresenta uma perspectiva cultural da infância, nos fornecendo elementos para que a conceituemos como infâncias.

No Brasil, por exemplo, temos a criança indígena, a criança rural, a ribeirinha, a criança de rua, a criança do MST, a criança de pais separados, a criança que aos oito anos já está trabalhando, traficando, a criança que sofre abuso sexual, a criança genitora precoce, a criança filhos/as do sistema prisional, a criança marcada, vítima de HIV, e aquela que vive em níveis de subnutrição... (p.79).

Para Oliveira (2005) a infância é entendida como:

[...] construção social, que reflete as variações da atividade humana, portanto, das relações de produção existentes na realidade. Nessa perspectiva, consideramos a criança como sujeito de relações sociais, um ser que é e não um vir a ser, que se encontra inserido num determinado contexto social (p.101).

Kramer (2006) aponta que “a idéia de infância é um fenômeno histórico e social, isto é, cada sociedade fabrica e assume como seu um conjunto de ideias ou imagens” (p.69).

Para Frota (2007),

Infância tem um significado genérico e, como qualquer outra fase da vida, esse significado é função das transformações sociais: toda sociedade tem seus sistemas de classes de idade e a cada uma delas é associado um sistema de status e de papel. (p.147).

Neste sentido, não é adequado utilizarmos o termo infância no singular, como se ele pudesse dar conta de envolver toda uma categoria de pessoas com características, necessidades, expectativas iguais. Ao contrário disso, como apontam os autores citados, as crianças revelam contextos culturais muito próprios que vão circunscrever seus modos de agir, sentir e pensar o mundo que estão vivendo, sendo assim o termo infâncias assume um caráter de melhor adequação e por isso será usado no nosso trabalho no plural, de modo a fortalecer esta pluralidade cultural das crianças em seus distintos grupos sociais.

Segundo Kramer (2007, p.19):

Educação infantil e ensino fundamental são freqüentemente separados. Porém, do ponto de vista da criança, não há fragmentação. Os adultos e as instituições é que muitas vezes opõem educação infantil e ensino fundamental, deixando de fora o que seria capaz de articulá-los: a experiência com a cultura.

É emergencial uma proposta de transição para a continuidade da formação do educando, que sai da Educação Infantil e entra no Ensino Fundamental com seis anos de idade, para que essas crianças não sofram uma mudança muito brusca, pois em outrora era assegurada, no discurso, a relevância da ludicidade, e quando a criança chega ao Ensino Fundamental, isso se perde.

Kramer (2007, p.14) destaca:

Vivemos um paradoxo de possuir um conhecimento teórico complexo sobre a infância e de ter muita dificuldade de lidar com populações infantis e juvenis. Refletir sobre esses paradoxos e sobre a infância, hoje, é condição para planejar o trabalho na creche e na escola e para implementar o currículo.

O conhecimento teórico é fundamental para que o professor consiga desenvolver um bom trabalho, porém torna-se essencial que os docentes tenham condições de conciliar os conteúdos apreendidos ao longo da graduação com as vivências, como no caso dos estágios, que proporcionam momentos de contato com os alunos. Porém, estas experiências devem se ampliar ao longo da sua profissão, sendo valorizadas e contribuindo para que os professores tenham condições de estabelecer relações entre as pesquisas e suas ações.

É necessário, deste modo, que se construa um projeto pedagógico pensando nas crianças e suas facilidades e não de acordo com o que os adultos desejam. Faz-se urgente que conheçamos as crianças e o contexto em que elas estão inseridas na sociedade, para que se possa proporcionar uma Educação Física de boa qualidade.

De acordo com Nascimento (2007, p.30):

Faz-se necessário definir caminhos pedagógicos nos tempos e espaços da escola e da sala de aula que favoreçam o encontro da cultura infantil, valorizando as trocas entre todos os que ali estão, em que crianças possam recriar as relações da sociedade na qual estão inseridas, possam expressar suas emoções e formas de ver e de significar o mundo, espaços e tempos que favoreçam a construção da autonomia.

Devemos considerar aqui as diferenças de conteúdos aprendidos e os tempos de aprendizado das crianças em suas particularidades, dessa forma, não estamos aqui afirmando que todas as crianças seguem um padrão de desenvolvimento, apenas apontando que existem possibilidades de nos direcionarmos no trabalho com as crianças. Reconhecemos também que em muitas escolas o foco está no tempo da instituição escolar e não na consideração do desenvolvimento das crianças.

A criança deve ser vista como ela é de fato “[...] sem se valer de estereótipos, idéias pré-concebidas ou de práticas educativas que visam a moldá-las em função de visões ideológicas e rígidas de desenvolvimento e aprendizagem”. (NASCIMENTO, 2007, p.27).

Para que ocorra a inserção das crianças de 6 anos de forma adequada no Ensino Fundamental, os profissionais precisam conhecer as necessidades das crianças e não o inverso, para isso é importante conhecer o contexto em que os alunos se encontram, e pensar na heterogeneidade das crianças.

De acordo com Kramer (2007, p.14) “a inserção concreta das crianças e seus papéis variam com as formas de organização da sociedade. [...] Numa sociedade desigual, as crianças desempenham, nos diversos contextos, papéis diferentes”, dessa forma, não se pode generalizar o ensino, tão pouco exigir que as crianças tenham o mesmo desempenho diante das atividades propostas.

Segundo Kramer (2007):

As crianças viram as coisas pelo avesso e, assim, revelam a possibilidade de criar. Uma cadeira de cabeça para baixo se torna barco, foguete, navio, trem, caminhão. Aprendemos, assim, com as crianças, que é possível mudar o rumo estabelecido das coisas [...] interessadas em brinquedos e bonecas, atraídas por contos de fadas, mitos, lendas, querendo aprender a criar, as crianças estão mais próximas do artista, do colecionador e do mágico, do que de pedagogos bem intencionados (p.15-16).

Essa aproximação com os professores, de uma maneira geral, acontece quando as aulas são pensadas para os alunos, com base em seus próprios conhecimentos e experiências, quando nós educadores entramos no mundo das crianças para ensiná-las e não o contrário, forçarmos os alunos a se adequarem ao nosso cotidiano.

Somente falar sobre as infâncias não proporciona uma escolarização mais favorável, deve-se tomar o cuidado de não “jogar” a criança de seis anos de idade dentro de uma escola de Ensino Fundamental sem que haja uma reestruturação ou adaptação física do ambiente escolar, um planejamento pedagógico preocupado com esses alunos e uma postura de compromisso com estes alunos. Para Nascimento (2007),

O direito efetivo à educação das crianças de seis anos não acontecerá somente com a promulgação da Lei nº 11.274, dependerá, principalmente, das práticas pedagógicas e de uma política da escola para a verdadeira acolhida dessa faixa etária na instituição (p.30).

Para que esse direito da criança seja, de fato, garantido é necessário que os profissionais envolvidos estejam munidos de conhecimentos sobre a criança e suas necessidades.

Segundo Corsino (2007, p.57):

O olhar sensível para as produções infantis permitirá conhecer os interesses das crianças, os conhecimentos que estão sendo apropriados por elas, assim como os elementos culturais do grupo social em que estão imersas. A partir daí, será possível desenvolver um trabalho pedagógico em que a criança esteja em foco.

O brincar tem uma relação íntima e direta com a aprendizagem, porém ainda essa idéia não é uma unanimidade, existem muitas pessoas que julgam coisas distintas o brincar e o estudar, como se não fosse possível aprender brincando. As crianças precisam ter um tempo para brincar na escola, porém isso não se pode resumir à hora do recreio. Como aponta Borba (2007),

Na realidade, tanto a dimensão científica quanto a dimensão cultural e artística deveriam estar contempladas nas nossas práticas junto às crianças, mas para isso é preciso que as rotinas, as grades e horários, a organização dos conteúdos e das atividades abram espaço para que possamos, junto com as crianças, brincar e produzir cultura. (p. 35).

Não se pode acreditar que uma criança brinca apenas por brincar, pois quando se está brincando, se está exercitando o ato de pensar. Para Borba (2007, p.36). “[...] O brincar envolve, portanto, complexos processos de articulação entre o já dado e o novo, entre a experiência, a memória e a imaginação, entre a realidade e a fantasia”.

Defendemos que as instituições de ensino devem se organizar junto à comunidade escolar para traçarem metas a serem galgadas ao longo do ano letivo e para isso se faz necessário que ocorra uma reestruturação do espaço físico e do Projeto Político Pedagógico, com o comprometimento de todos os envolvidos com o ambiente escolar. Há com isso um propósito que tenta possibilitar que as crianças de seis anos de idade não se sintam deslocadas, pois o Ensino Fundamental é uma continuidade da Educação Básica e deve-se cuidar para que esse processo não seja uma experiência desagradável, muito menos traumática.

De acordo com Borba (2007, p. 43):

Se incorporarmos de forma mais efetiva a ludicidade nas nossas práticas, estaremos potencializando as possibilidades de aprender e o investimento e o prazer das crianças e dos adolescentes no processo de conhecer. E, com certeza, descobriremos também novas formas de ensinar e de aprender.

Um ambiente escolar deve proporcionar espaços para os alunos refletirem sobre suas próprias ações, para isso as crianças devem ser estimuladas a construir suas próprias ideias, através da espontaneidade e do brincar, para isso os professores precisam construir um contexto que seja favorável para o desenvolvimento dessas crianças.

Em seguida trataremos da Educação Física no Ensino Fundamental e do desenvolvimento da criança.

2.2 EDUCAÇÃO FÍSICA NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

O papel do Ensino Fundamental de nove anos é de incluir as crianças de seis anos e desenvolver processos educativos amplos até os 14 anos de idade, dando condições para que estes alunos consolidem uma formação educativa fundamental que lhes permitam viver e vida com alegria e criticidade, em busca de emancipação de suas condições.

A Educação Física nos primeiros anos do Ensino Fundamental deve ser trabalhada de forma que se respeite o momento das crianças, dessa forma, as atividades devem estar de acordo suas necessidades, de modo que as crianças não se sintam deslocadas, por estarem num ambiente até então desconhecido, “não é a toa que os pequenos que entram na escola passam os primeiros tempos, até adaptarem-se, cansados, dormem mais cedo, preocupados. Claro, esta acontecendo algo muito estranho para eles” (Freire, 1997, p.12). Essa entrada das crianças na escola é uma mudança muito brusca na vida eles, pois, esses estavam acostumados a ter uma vida mais livre e espontânea, sem ter hora marcada para brincar e sem precisar ficar muito tempo sentado ouvindo algum desconhecido falar por horas.

De acordo com (BRASIL, 2007, p.98) essas aulas devem Trabalhar o desenvolvimento integral da criança, classificados por: “dimensão afetiva, dimensão cognitiva, dimensão social, dimensão psicológica”,

Essa tarefa não é exclusividade dos professores, mas sim de todos da comunidade escolar, para isso o projeto político pedagógico da escola precisa contemplar as crianças de forma que elas sejam parte do contexto e das metas da escola.

Ao nos propormos a receber a criança de seis anos no ensino fundamental, tenha ela freqüentado, ou não, a educação infantil, devemos ter em mente que esse é o primeiro contato com o seu percurso no ensino fundamental. (NASCIMENTO, 2007, p.29).

A Educação Física deve considerar as experiências vividas pelos alunos. Não se pode pensar em Educação Física escolar descontextualizada dos saberes dos alunos, nem das necessidades dos mesmos.

Para Gallahue (*apud* TANI 1988, p.70), o desenvolvimento é baseado em estágios, os quais servem de base para a Educação Física,. De acordo com o autor “para se chegar ao domínio de habilidades desportivas é necessário um longo processo, onde as experiências com habilidades básicas (movimentos fundamentais) são de fundamental importância”.

Não está muito claro qual o verdadeiro papel da Educação Física escolar para os professores já formados e atuantes nas escolas, tão pouco para os discentes que acabam de chegar à Universidade, porém a preocupação maior é se essas unidades de ensino estão preparando seus discentes para que ao se formarem tenham o mínimo de conhecimento para atuar como professor. Preparar não apenas para que o professor saiba ensinar ou propor uma determinada atividade, mas sim que eles consigam resolver problemas e compreenda qual o seu papel na sociedade, o quanto interfere na vida pessoal e profissional de seus alunos, quais atividades de qual maneira é melhor para cada turma.

Para Faria Júnior (1983), o professor deve ser flexível e estar atento às necessidades de uma nova conduta, diz que “o ensino não é mais, desta forma, simples transmissão do saber e do saber fazer, mas sim, uma preparação genérica e progressiva para um futuro emergente”.

Não queremos aqui priorizar o desenvolvimento da criança como se fosse um padrão a ser seguido, pois entendemos que cada criança tem seu tempo de aprender e seu contexto histórico, social, afetivo e econômico que interferem no processo de aprendizagem. Não resta dúvida sobre a importância das aulas de Educação Física para o desenvolvimento integral das crianças, mas para isso é importante que se entenda o mundo da criança, “a adoção de atividades da cultura infantil como conteúdo pedagógico facilita o trabalho de professores das escolas de

primeira infância, pois garantem o interesse e a motivação das crianças” (FREIRE, 1997, p.24), não ocorrendo assim uma aula descontextualizada e desconectada com a própria realidade existente.

Como aponta Freire (1997, p.12):

As crianças, correm, pulam, choram, brigam e logo se abraçam e voltam a brincar “sua marca característica é a intensidade da atividade motora e a fantasia”, essa forma de se manifestar dura por muitos anos e varia de acordo com o contexto ou ambiente em que a criança está inserida e não propriamente por faixa etária, dessa forma, só ocorrerá uma aula voltada para o aluno se antes os profissionais envolvidos entender e identificar o contexto.

CAPÍTULO 3 METODOLOGIA

O presente estudo foi direcionado pelos princípios da pesquisa qualitativa, uma vez que estes apontam para uma situação naturalística, ocorrendo em seu cenário real, bem como, processos descritivos que buscam não explicar, mas compreender o fenômeno investigado (ANDRÉ, 1995).

Como procedimento metodológico para a coleta de dados, optamos por realizar a entrevista semi-estruturada. Essa nos permite uma aproximação com o sujeito e nos possibilita interagir com ele no momento da coleta.

Segundo Triviños (1987), entrevista semi-estruturada é

[...] aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam a pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, frutos de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebe as respostas dos informantes.” (p.146).

Optamos por realizar a pesquisa no município de Bauru, interior do Estado de São Paulo. Uma vez que em tal contexto o processo de inclusão dos alunos com seis anos de idade no Ensino Fundamental, em 2009, ano em que foi implantado o Ensino Fundamental de nove anos no município de Bauru.

Em Bauru, existem apenas 16 escolas municipalizadas de Ensino Fundamental, dessas, foram selecionados 11 professores de Educação Física que participaram da pesquisa. O critério de seleção desses professores foi: os professores precisavam estar trabalhando com os alunos do 1º ano, tendo crianças de seis anos de idade (ou menos) em suas turmas desde o início do ano. Foi envolvido na pesquisa, apenas um professor de Educação Física por escola, uma vez que algumas instituições tinham mais de um professor do referido componente curricular.

Logo abaixo, apresentamos o roteiro que norteou as entrevistas.

3.1 ROTEIRO DE ENTREVISTA

1) FORMAÇÃO PROFISSIONAL

CURSO INICIAL E FORMAÇÃO CONTINUADA

2) ATUAÇÃO PROFISSIONAL COMO DOCENTE, TEMPO, TURMAS, ESCOLAS (CIDADE)

3) EXPERIÊNCIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

- EXPERIÊNCIA

- METODOLOGIA

- CONTEÚDO

- AVALIAÇÃO

- RESULTADOS DA EXPERIÊNCIA

4) EXPERIÊNCIA NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

BENEFÍCIOS E OBSTÁCULOS- DIFERENÇAS DO 1º ANO ATUAL (CRIANÇAS COM SEIS ANOS)

PARA O 1º ANO ANTIGO (CRIANÇAS COM SETE ANOS DE IDADE)

- METODOLOGIA

- CONTEÚDO

- AVALIAÇÃO

- DESEMPENHO

- RESULTADOS DA AULA

5) AVALIAÇÃO DO PREPARO COMO DOCENTE

6) SE SENTE PREPARADO NO MOMENTO PARA ESSA FAIXA ETÁRIA

7) SE SENTE REALIZADO PROFISSIONALMENTE

8) EXISTE PARCERIA COM O PROFESSOR DE SALA

9) TEM ALGUMA COISA QUE NÃO FALOU E GOSTARIA DE FALAR

Os professores de Educação Física participantes da pesquisa aceitaram participar da mesma tomando ciência e assinando o termo de consentimento livre e esclarecido (ANEXO 1).

3.2 ORGANIZAÇÃO DOS DADOS

Após intensas leituras dos dados coletados e sua articulação com a literatura sobre o assunto, definimos três categorias de análise, a saber: 1 Formação docente; 2 O papel da Educação Física no Ensino Fundamental de 9 anos para as crianças de 6 anos de idade; 3 O ensino da Educação Física na Educação Infantil: reflexões

sobre seus limites e suas possibilidades.

Para nos referirmos aos professores adotaremos nomes de aves por acharmos uma forma carinhosa de tratarmos esses professores que contribuíram com muita disposição e paciência para nossa pesquisa. Esses nomes foram escolhidos aleatoriamente com muito respeito aos professores. Evitamos o uso dos nomes para garantirmos o anonimato dos participantes. Em relação ao gênero dos participantes, expressaremos apenas no primeiro momento com os artigos “o” e “a” para os nomes, assim nossos professores foram: O Canário, A Fim-Fim, A Tangará, O Tico-Tico, O Sabiá, A Fruxu, A Teque-Teque, O Bem-Te-Vi, A Peitica, O João-De-Barro e O Garibaldi.

CAPÍTULO 4

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

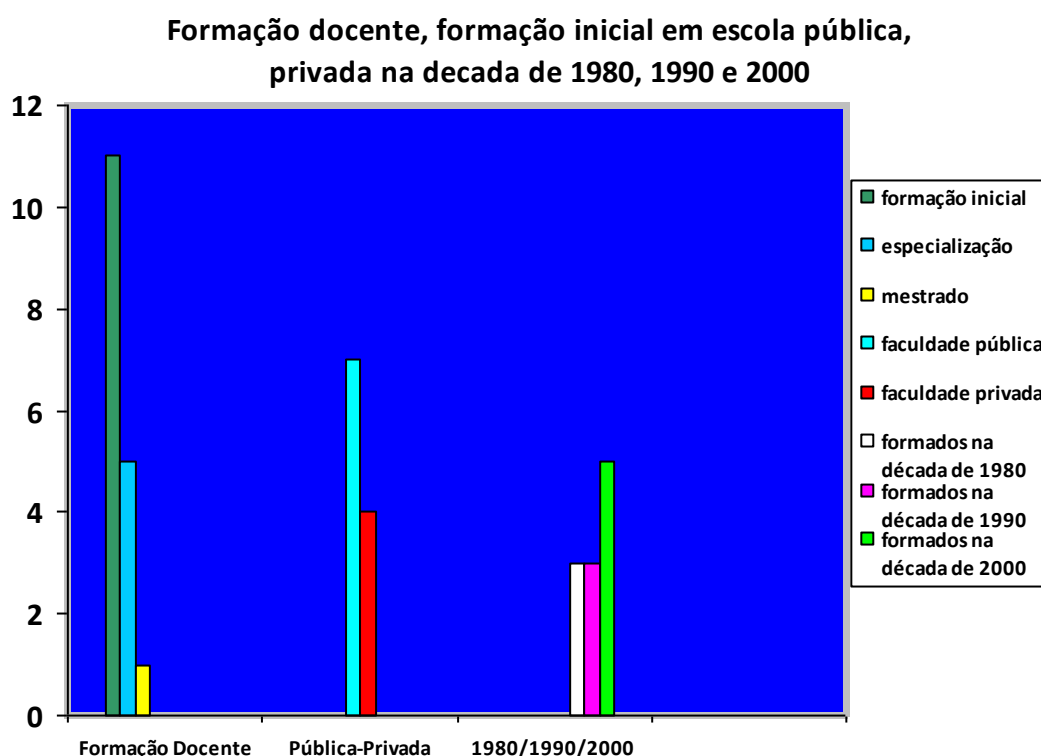
Retomando as categorias de análise que emergiram do nosso estudo, 1 Formação docente; 2 O papel da Educação Física no Ensino Fundamental de 9 anos para as crianças de 6 anos de idade; 3 O ensino da Educação Física na Educação Infantil: reflexões sobre seus limites e suas possibilidades, cada uma delas será aqui apresentada.

4.1 FORMAÇÃO DOCENTE

Ao falarmos dessa categoria nos referimos ao momento de formação inicial até os dias atuais, com cursos de curta duração, pós-graduação, mestrado, experiência de aulas, relação entre os professores, tudo o que possa contribuir com a formação.

Dos 11 professores entrevistados, 7 (Canário, Fim-fim, Tico-tico, Tequeteque, Peitica, João-de-barro, Garibaldi) se formaram em faculdades públicas e 4 (Tangará, Sabiá, Fruxu, Bem-te-vi) em faculdades particulares. Desse total, 5 têm especialização, nos quais 2 graduados na faculdade pública (Canário e Fim-fim) e 3 em faculdade particular (Tangará, Sabiá e Fruxu), apenas a professora Fim-Fim cursa especialização na área escolar e o professor Sabiá está cursando mestrado. Com relação ao tempo de formados os professores Tangará, Sabiá e Bem-te-vi se formaram na década de 1980, Tico-tico, Peitica e João-de-barro na década de 90, os demais entre 2003 e 2007.

O gráfico abaixo apresenta a formação docente dos participantes, revelando que todos os professores têm formação em Educação Física.



Dos professores entrevistados, Canário, Tico-tico e João-de-barro estavam em seu primeiro ano de atuação com crianças de 6 anos de idade, os demais estavam no 2º ano. Considerando que o município começou a receber as crianças de 6 anos no ano de 2009 e a pesquisa foi realizada no final de 2010, todos os docentes eram, de certo modo, novatos nesta especificidade de atuação. Porém alguns professores já tinham experiências com crianças de seis anos por trabalharem ou terem trabalhado em escolas particulares. A professora Tangará, por exemplo, está há 23 anos lecionando, o professor João-de-barro há 18 anos e os outros 9 professores têm entre 3 e 6 anos de experiência em escolas.

O Ministério da Educação (MEC) elaborou um caderno chamado “Ensino Fundamental de Nove Anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade.” (BRASIL, 2007), oferecendo suporte para que essa mudança não ocorra apenas de forma administrativa, mas também que ocorra uma atenção voltada para essa alteração do Ensino Fundamental, para atender essas crianças com qualidade e respeito.

Nesse sentido, o Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Educação Básica (SEB) e do Departamento de Políticas de

Educação Infantil e Ensino Fundamental (DPE), buscando fortalecer um processo de debate com professores e gestores sobre a infância na educação básica, elaborou este documento, cujos focos são o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças de seis anos de idade ingressantes no Ensino Fundamental de nove anos, sem perder de vista a abrangência da infância de seis a dez anos de idade nessa etapa de ensino. (BRASIL, 2007, p.6).

Com base nestas orientações, perguntamos aos professores sobre tal documentação. As respostas encontradas sinalizaram um desconhecimento dos docentes destas orientações. Apenas o professor Sabiá teve contato com o material do MEC, mas não foi a escola quem lhe forneceu, mas sim através de pesquisas e atualizações do próprio professor. Os demais docentes declararam desconhecer esse material, todos eles informaram não saber da existência do referido material nas instituições onde atuam.

Sobre estar ou não preparados para atuar com o ensino de Educação Física para crianças com 6 anos de idade, os professores Canário, Fruxu, Teque-teque, Bem-te-vi e João-de-barro, explicitaram claramente que não se sentem preparados.

Os professores Fim-fim, Tangará e Garibaldi falaram que se sentem preparados, mas reconhecem que precisam se preparar mais, como relata a professora Fim-Fim “preparada eu acho que sim, consigo fazer o trabalho, mas sempre pensando em melhorar, pensando em aperfeiçoar, enfim fazer melhor mesmo, então sempre nesse sentido, mas claro que se tivesse curso de capacitação, claro que sempre vou fazer”.

Já os docentes Tico-tico e Peitica relataram que se sentem preparados por conta de estarem no final do ano, ou seja, foram se preparando à medida que conviviam com as crianças, como podemos identificar na fala da professora Peitica “se você me perguntasse no comecinho do ano eu ia dizer pra você que eu ainda tava meio com medo [...] mas agora não, eu acho que eu to sim preparada, depois do que eu passei todo esse ano trabalhando com eles, aí sim”. O professor Sabiá afirmou se sentir preparado e que está sempre estudando e procurando melhorar a cada dia, “me sinto preparado [...] vai acumulando, assim, as experiências e durante as experiências, não só de tempo, mas de interesse em trabalhar os conteúdos que a gente entende da Educação Física que vão além do esporte”, esse professor demonstrou muita firmeza em suas afirmações.

Como aponta Freire (1997, p.18), o professor despreparado “corre sério risco de atrapalhar muito mais que ajudar”, não queremos de forma alguma culpar os professores, muito pelo contrário, esses se esforçam para atender as exigências impostas pelos órgãos responsáveis. Muitas vezes as mudanças acontecem sem que os professores sejam ouvidos. As mudanças deveriam acontecer primeiro na escuta, envolvimento e preparação dos docentes e da comunidade escolar e só depois com a entrada das crianças na escola, “já não bastasse o fato de que os pequenos geralmente se traumatizam muito com a ida para a escola” (FREIRE, 1997, p.18).

Com relação a se sentir realizado na profissão docente, apenas o professor Bem-te-vi afirmou não sentir-se realizado profissionalmente, os demais professores responderam estarem realizados como aponta o professor João-de-barro: “Eu coloco como um dom que eu recebi de Deus pra trabalhar aqui na terra, eu não me acho um grande professor de Educação Física, não sou o melhor professor de Educação Física que existe, mas eu me esforço pra fazer o meu melhor”.

De acordo com o relato de alguns professores, o município ofereceu um curso para todos os professores do Ensino Fundamental, na busca de contribuir com a formação desses professores em relação às crianças de seis anos de idade. Este curso foi ministrado pelos profissionais que trabalham na Educação Infantil. Não temos a informação se todos os professores aqui entrevistados participaram desse curso.

4.2 O PAPEL DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL DE 9 ANOS PARA AS CRIANÇAS DE 6 ANOS DE IDADE

Aqui abordaremos sobre a importância das aulas de Educação Física para as crianças de 6 anos de idade, sobre as possíveis diferenças entre estas quando comparadas as de 7 anos de idade nas aulas de Educação Física e a opinião dos professores sobre o ensino para estas crianças.

Para o professor João-de-barro a Educação física é importante para a

Formação e preparação desse ser humano, dessa pessoa, para que ela cresça e não apenas saiba andar de maneira correta, [...] mas que ela saiba se relacionar com os outros seres humanos que eu acho que é o que mais “importa” na Educação Física e que muitos profissionais da nossa área não têm nem idéia do que eu to falando,

não tem nem conhecimento disso, se preocupa mais em ser técnico, correr, saltar, pular e andar e não sorrir, falar, conversar, amar, acho que é o mais importante.(grifo meu).

Quando perguntado aos professores sobre a importância da Educação Física para as crianças, a resposta foi unânime, falaram que é muito importante, e que a cada dia aumenta essa importância, tanto das aulas quando de professores uma vez que as crianças precisam destas aulas, pois, “com a tecnologia as crianças estão brincando menos com o corpo e mais com jogos eletrônicos, dessa forma passa a ser uma oportunidade para essas crianças.” (TANGARÁ).

Segundo o professor Sabiá, as aulas de Educação física são muito importantes e os docentes precisam estar atentos às necessidades dos alunos, principalmente os professores do primeiro ciclo do Ensino Fundamental, eles devem entender que:

Tudo é iniciação, acho que a gente enquanto professor de Educação Física tem que pensar nisso, a gente é, trabalha em cima, o ensino da nossa disciplina é iniciar mesmo em tudo né, não somente na parte esportiva, é iniciar nas habilidades básicas, nos movimentos básicos, dar a iniciação, não que eles, eles vem com as experiências né, mas nós temos que propor outras experiências (SABIÁ).

Complementa a professora Teque-teque dizendo que as aulas de Educação Física é importante para o dia-a-dia deles, a aula para esses alunos “é bem necessário, é uma das fases que eles mais estão desenvolvendo, mais precisam dessa questão da agilidade, principalmente a motora e a coordenação”.

Os professores defendem a Educação Física como importante por auxiliar no desenvolvimento integral das crianças, por contribuir para a integração com outras crianças, por ensinar novas formas dos alunos brincarem, e disseram que esse desenvolvimento também ajudará os alunos em sala de aula.

Ao falarem da experiência em trabalhar com as crianças de seis anos de idade classificaram como: desafiador, bem interessante, um grande aprendizado, gostar da experiência, ter receio, enriquecedor, desgastante, gratificante. Como relatou João-de-barro: “você vê o amadurecimento da criança em relação à atividade proposta”. Apenas o entrevistado Garibaldi não falou nada sobre este assunto.

Os docentes afirmaram que existem diferenças em trabalhar a Educação Física com as crianças de 6 anos ao compará-las com as de 7 anos de idade. A

diferença principal apontada nessa pesquisa está relacionada à questão da maturidade dos alunos, pois os mais novos são mais “imaturos” e, conseqüentemente, tem maior dificuldade de aprendizado, dessa forma a metodologia a ser trabalhada muda.

[...] a criança de 6 anos ela é mais infantil, querem toda a atenção voltada pra eles, sentem mais a falta de ficar perto e passam o ano inteiro assim, diferente das de 7 anos que quando entravam na primeira série tinham essas características bem infantis, mas que ao longo do ano tornam-se mais independente (Fim-fim).

Apesar de um apontamento que coloca a criança pequena como mais imatura e, portanto, mais difícil para trabalhar na escola, a professora Teque-teque sinaliza um aspecto mais positivo das crianças de 6 anos de idade quando comparada com as de 7 anos, apontando que, "eles são mais cooperativos e interagem muito mais fácil do que os de sete anos".

4.3 O ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: REFLEXÕES SOBRE SEUS LIMITES E SUAS POSSIBILIDADES

Aqui falaremos dos benefícios, obstáculos, que os professores encontram para trabalhar com as crianças de 6 anos de idade, abordaremos também as (in) adequações das escolas para receberem estas crianças e da eventual parceria dos professores de Educação Física com os docentes de “sala” de aula.

Tal categoria de análise reuniu as respostas para a seguinte pergunta: Quais são os benefícios e obstáculos que você encontra para trabalhar com as crianças de 6 anos de idade?

Os professores Tangará, Teque-teque, Peitica e Garibaldi não apontaram benefício algum.

Os demais falaram de como a Educação Física pode colaborar com esses alunos de 6 anos de idade, como no desenvolvimento de habilidades físicas desde cedo; ajudar no desenvolvimento, no comportamento e a atenção deles; atividades direcionadas; proporcionando reflexão; promover um trabalho global com a criança; socialização; ajuda também na questão desse impacto que tem a escola pra criança; oportunidade das crianças terem vivências motoras; trabalha a coordenação básica, o equilíbrio, as habilidades básicas ajudando-as no dia-a-dia. Esta perspectiva dos

benefícios foi bem evidenciada na fala da professora Fim-fim "acho que só tem ganho mesmo, apesar de muitas vezes a criança sentir um pouco por se distanciar mais cedo da família."

Quando os professores falaram dos obstáculos, as respostas foram diversas, envolvendo: a preocupação com os alunos; a dificuldade que o docente encontra na estrutura da escola; muitos alunos por turma; falta de materiais; o uso da quadra pela comunidade no horário de aula; a depredação e péssimas condições da quadra; a falta de concentração dos alunos que atrapalham o bom andamento das aulas. A forma como a aula é conduzida pode interferir no comportamento dos alunos, "[...] a adoção de atividades da cultura infantil como conteúdo pedagógico facilita o trabalho de professores das escolas de primeira infância, pois garantem o interesse e a motivação das crianças.", alguns professores declararam sentirem dificuldades em trabalhar com as crianças de 6 anos de idade.

A professora Fim-fim destacou que:

A própria escola não é para o mundo da criança, assim, não tem um parque, não tem areia, não tem uma grama para explorar mais e mais, né, esse aprendizado, esse movimento que nessa idade é imprescindível para o desenvolvimento da criança em todos os sentidos.

O professor Sabiá apontou a falta de aulas duplas como um obstáculo, pois ele acredita que seria mais bem aproveitado o tempo dos alunos. Para ele, com 2 aulas seguidas seria possível dar uma maior continuidade ao conteúdo, pois se perde muito tempo na explicação das atividades e depois também na realização das mesmas. Em contrapartida o professor Canário afirmou que a aula de 50 minutos é muito tempo, pois como os alunos se dispersam muito rápido ele acredita que as aulas deveriam ter uma duração menor. O professor Sabiá apontou também o fato de algumas professoras de sala segurarem os alunos um pouco mais na sala no horário da aula de Educação Física e outras vezes nem deixar o aluno participar desta aula.

Neste sentido, podemos notar que há divergências entre os professores, cada qual sinalizando um aspecto para a defesa ou crítica do tempo maior ou menor de duração da aula. Há também a manifestação de um descontentamento com a

postura do professor de sala, comprometendo a vivência da aula de Educação Física por parte do aluno.

Como obstáculos, de um modo geral, os professores apontaram: os espaços físicos (que não são adequados, mesmo nas escolas que têm parquinhos); falta de material; falta de concentração das crianças; imaturidade das crianças de 6 anos; excesso de alunos por turmas e o pouco preparo para trabalhar com essas crianças.

Os benefícios foram relacionados ao desenvolvimento e à formação dos alunos. Todos os docentes sinalizaram como benefício a estratégia do município de colocar 3 aulas de Educação Física para os alunos do primeiro ano, proporcionado assim um tempo a mais para os alunos brincarem e ficarem longe das salas de aula. Foi sugerido por alguns que esse aumento no número de aulas não se resumisse apenas ao primeiro ano, mas que ocorresse também no segundo pelo menos, pois, de acordo com alguns professores, 3 aulas é muito bom para a criança que acaba de chegar na escola, mas no segundo ano elas têm apenas 1 aula, causando assim uma descontinuidade nas aulas de Educação Física por conta do pouco tempo. Destacaram que, se não há possibilidade de se colocar 3 aulas também para o 2º ano, que pelo menos elas passassem para 2 aulas e não ficassem restritas em apenas 1, que é o que acontece.

Os professores mencionaram que as adequações das escolas para receberem as crianças de 6 anos foram: cadeiras; carteiras; parquinhos em algumas escolas, mas não todas. De acordo com o relato dos professores Fim-fim, Tangará, Sabiá, Teque-teque e Bem-te-vi, nas escolas em que eles trabalham não têm parquinhos, dentre as escolas com parquinho uma delas divide o espaço com uma EMEI (Escola Municipal de Educação Infantil). Os professores disseram que chegaram muitos jogos pedagógicos, em sua minoria para as aulas de Educação Física.

Segundo alguns professores, a prefeitura proporcionou cursos para os professores das escolas de Ensino Fundamental que iriam trabalhar com os alunos de 6 anos de idade, esses cursos foram destinados tanto aos professores de Educação Física, quanto às professoras de sala. Podemos identificar tais experiências formativas na fala de Peitica: “a gente teve bastante curso com o pessoal da EMEI, que dava aula para seis anos, então a gente procurou assim, se cercar de todos os lados”. Destacaram também que existe uma parceria entre a

prefeitura e a Universidade Estadual Paulista (UNESP), ministrando um curso de formação continuada envolvendo professores que atuam com crianças de 6 anos.

Quando perguntado aos docentes de Educação Física se existe parceria entre eles e os professores de sala, Canário, Tico-tico, Teque-teque, Peitica e João-de-barro afirmaram que existe com alguns professores de turmas e séries distintas, ela acontece através de conversas sobre os alunos, desenvolvendo atividades em conjunto quando preciso. Já a professora Teque-teque informou que existe parceria apenas com 1 professora, que é do 1º ano do Ensino Fundamental. Segundo ela, há um desconhecimento dos demais professores e da direção da escola sobre a importância das aulas de Educação Física,

A maioria dos professores vê na Educação Física um tempo livre pra descansar dos alunos, isso é nítido, em todas as escolas que eu passei, [...] a única vez em 4 anos que eu tive uma aproximação maior com o professor de sala foi esse ano, com essa professora do primeiro ano, com os demais é muito isso, eles não enxergar a Educação Física, falam Física, [...] você percebe uma resistência muito logo de cara e é muito difícil pra você mudar isso, [...] até mesmo na escola a questão de diretor e coordenador enxergar na Educação Física um componente curricular tão importante quanto às outras disciplinas, [...] na questão pedagógica mesmo vejo que não tem preparo pra trabalhar com a Educação Física. (TEQUE-TEQUE).

Foi possível identificar que os professores de Educação Física procuram se informar sobre o conteúdo que os docentes de sala estão desenvolvendo, procurando auxiliá-lo. Como comenta o professor Tico-tico "existe, não só no primeiro ano, mas em todas as séries, sempre o professor ele participa, a gente ajuda muito aqui com atividades direcionados também pra alfabetização, pra sequência numérica".

Os professores Fim-fim, Tangará, Sabiá, Fruxu, Bem-te-vi e Garibaldi disseram que não existe parceria, mas que acontece uma conversa sobre os alunos para identificar e resolver problemas.

Com base nestes apontamentos é possível perceber que não existe uma relação muito próxima entre os professores de Educação física e a gestão escolar, comprometendo as possibilidades de aprendizagem coletiva que poderia advir desta relação.

No minidicionário Aurélio B. de H. Ferreira de Língua portuguesa a palavra parceria significa reunião de duas ou mais pessoas que visam a interesse comum.

(2004, p.610). Neste sentido, qual é o interesse comum entre os professores? Parece que existe um equívoco em relação ao sentido de parceria, pois os professores de Educação Física conseguem manter uma relação de troca de informações com os docentes de sala, mas não sentam para planejarem aulas, no sentido de compartilhamentos entre as áreas de forma que todas as disciplinas sejam beneficiadas igualmente. A parceria não pode se resumir a momentos de complemento das aulas do professor de sala, a Educação Física não pode ser tratada como somente auxiliar das demais disciplinas.

Como aponta Freire (1997, p.182-183):

De um modo geral, pouca importância se dá a uma possível relação entre as atividades da disciplina Educação Física e aquelas realizadas em sala de aula, [...] a importância de demonstrar as relações entre os conteúdos da disciplina Educação Física e os das demais disciplinas reside, não na sua importância como meio auxiliar daquelas, mas na identificação de pontos comuns do conhecimento e na dependência que o corpo e mente, ação e compreensão, possuem entre si.

ALGUMAS REFLEXÕES

O objetivo da presente investigação foi analisar o ensino da Educação Física junto às crianças com 6 anos de idade ingressantes no 1º ano do Ensino Fundamental sob a perspectiva dos professores de Educação Física que atuam neste campo.

Os professores demonstraram muita vontade de aprender e dedicação com relação aos alunos, mas, ainda existe muito que se estudar com relação ao Ensino Fundamental de 9 anos e as crianças de 6 anos de idade.

Todos os professores têm curso superior em Educação Física, o que os habilita a trabalharem com as crianças de 6 anos de idade, mas é preciso uma continuidade nesse processo de aprendizagem, o que parece que aconteceu no primeiro ano de implantação do novo Ensino Fundamental por parte da prefeitura do município, aqui analisado, com seus cursos proporcionando trocas de experiências entre os professores de Educação Infantil e Ensino fundamental.

Podemos apontar que a Educação Física na escola ainda é reconhecida como algo sem importância, embora a LDB 9394/96 tenha outorgado sua obrigatoriedade, isto não é suficiente para mudar o cenário que se apresenta. Escola ainda é considerada, por muitos, como um espaço no qual se separa o corpo do cognitivo. Por isso, para muitos, a brincadeira da criança é sem valor e a Educação Física é sem valor. Os professores aqui entrevistados revelam que vem concentrando esforços em fazer uma Educação Física de melhor qualidade, especificamente entre as crianças do 1º ano, tentando atender suas expectativas e necessidade características do universo das infâncias.

O presente estudo aconteceu através de entrevistas semi-estruturada o que instaura algumas deficiências, ou seja, muito provavelmente o trabalho nos daria condições de aprofundarmos e ampliarmos seus dados se tivéssemos articulado as entrevistas com as observações de aulas. Ainda poderia ser feito um trabalho de intervenção nas aulas, junto com os professores de Educação Física, demarcando questões concretas sobre as dificuldades e sucessos do ensino para esta população específica.

Percebo que esse trabalho me proporcionou uma experiência muito rica, inicialmente no contato com os professores, no momento da entrevista, que duraram em média 30 minutos. Num segundo momento durante a análise dos dados me deparei com muitas informações que eu não teria acesso na graduação, pois são experiências que só é percebido no contato com os alunos ou nesse caso, nos relatos dos professores.

Percebo que a jornada acadêmica é apenas o início de uma vida como educador, independente de quem seguirá a vida acadêmica ou trabalhará no contato direto com os alunos, só se aprende com curiosidade, como afirma Freire (1996, p.25.35) “não haveria criatividade sem curiosidade [...] ensinar exige pesquisa.”.

As experiências que os professores dividiram comigo serviram de alerta para que eu não fique apenas na teoria e tão pouco na prática encontrada na escola, mas sim que eu consiga fazer com que esses aprendizados caminhem juntos para não só ampliar meus conhecimentos, como também desconstruir e construir novos.

São necessários estudos mais aprofundados em relação à Educação Física na Educação Infantil e no Ensino Fundamental de nove anos, como também da relação dos professores de Educação Física com os demais professores.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.
- BECKER, Rosana. **A constituição da infância: o que dizem as crianças de uma escola pública catarinense sobre a experiência de ser criança e de ser aluno**, Florianópolis, SC, 2006. 226f. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura) - Centro de Ciências da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.
- BORBA, Angela M. **As diversas expressões e o desenvolvimento da criança na escola**. In: BRASIL, Ministério da educação, ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade, 2007, p.47-56.
- BRASIL. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade / organização Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento**. –Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.135 p.: il.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: **Lei Federal nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 5. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010. p.7-27.
- BRASIL. **LEI Nº 11.274**, DE 6 DE FEVEREIRO DE 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11274.htm> Acessado em 17/11/2011 às 19h39min.
- CORSINO, Patrícia. **As crianças de seis anos e as áreas do conhecimento**. In: BRASIL, Ministério da Educação, ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade, 2007, p.57-68.
- ESTEVE, J. M. Mudanças sociais e função docente. In: NÓVOA, A. **Profissão professor**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2008. p. 93-124.
- FARIA JÚNIOR.; Alfredo G. **Licenciados em e seus estilos de ensino**. In: Encontro nacional de prática de ensino. São Paulo: Atas/FEUSP, v.2, 1983. P.353-60.
- FERRAZ, Osvaldo L. Os profissionais de educação infantil: Intervenção e pesquisa, São Paulo, **Revista Paulista de Educação Física**, supl.4, p.95-109, 2001.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 1910 – 1989, **Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação de edição Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira; equipe de lexicografia Margarida dos Anjos... [et al.]**. – 6. ed. rev. atualiz. – Curitiba: Positivo, 2004. 896p.
- FREIRE, João B. **Educação de corpo inteiro: Teoria e prática da Educação Física**. São Paulo: Scipione, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa, São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FROTA, Ana M. M. C. Diferentes concepções da infância e adolescência: A importância da historicidade para sua construção. **Estudos e pesquisas em psicologia**, UERJ, Rio de Janeiro, ano 7, n.1, 144-157, 1º Semestre de 2007.

GALLAHUE, D.; DONNELLY, F. C. **Educação Física desenvolvimentista para todas as crianças**. 4. ed. São Paulo: Phorte, 2008. p. 68.

KRAMER, Sonia. **A infância e sua singularidade**. In: BRASIL, Ministério da Educação, Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade, 2007, p. 16-21.

NASCIMENTO, Anelise M. **A infância na escola e na vida**: Uma relação fundamental. In: BRASIL, Ministério da Educação Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade, 2007, p.25-32.

NASCIMENTO, Juarez V. do. Formação do profissional de educação física e as novas diretrizes curriculares: Reflexões sobre a reestruturação curricular. In: SOUSA NETO. S.; HUNGUER, D (Orgs.). **Formação profissional em educação física**: estudos e pesquisas. Rio Claro: Biblioteca, 2006. p.59-75.

NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. **Os professores e sua formação**. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995. p. 15-33.

NÓVOA, A. O passado e o presente dos professores. In: NÓVOA, A. **Profissão professor**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2008. p. 13-34.

NUNES, K. R.; BRACHT V.; AROEIRA, K. P. Formação do profissional de educação física para a educação infantil: uma análise do debate em periódicos (1973-1999). In: SOUSA NETO. S.; HUNGUER, D (Orgs.). **Formação profissional em educação física**: estudos e pesquisas. Rio Claro: Biblioteca, 2006. p.275-284.

OLIVEIRA, Nara Rejane Cruz de. Concepção de infância na educação física brasileira: Primeiras Aproximações. Campinas, **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 26, n. 3, p. 95-109, maio 2005.

PEREZ, Marcia C. A. Lei n. 11.274/2006: a infância brasileira e o primeiro ano do Ensino Fundamental. **Educação & Sociedade** Cadernos CEDES (suplemento), UNICAMP, 2009, p. 56-72.

RANGEL-BETTI, Irene C. Os professores de educação física atuantes na educação infantil: Intervenção e pesquisa, São Paulo, **Revista Paulista de Educação Física**, supl.4, p.83-94, 2001.

SAVELI, Esméria de L. Ensino Fundamental de nove anos: Bases legais de sua implantação, Ponta Grossa, PR, **Práxis Educativa**, v.3, n.1, p. 67-72, jan-jun 2008.

SAVIANI, D. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. Rio de Janeiro, **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 40, p. 144-155, jan./abr. 2009.

SAYÃO, Deborah T. Educação física na educação infantil: riscos, conflitos e controvérsias, **Revista Motrivivência**, ano XI, n.13, 221-238, Novembro de1999.

TARDIF, M.; ZOURHLAL, A. Difusão da pesquisa educacional entre profissionais do ensino e círculos acadêmicos, Tradução: Giongo, R. A. P.; Cataldi, S. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 125, maio/ago. 2005.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução a pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação, São Paulo: Atlas, 1987.

ANEXO 1

TERMO DE AUTORIZAÇÃO LIVRE E ESCLARECIDO

Ilustríssimo Educador.

Solicitamos à Vossa Senhoria, autorização para a realização do estudo de Trabalho de conclusão de Curso do aluno **Ezequiel de Melo**, do curso de Licenciatura em Educação Física da Faculdade de Ciências – Unesp – Campus de Bauru.

O trabalho intitulado: **Formação Docente e o Ensino da Educação Física Junto às Crianças com 6 Anos de Idade no 1º. Ano do Ensino Fundamental: A perspectiva dos professores de educação física**, tem como objetivo analisar o discurso do professor de educação física no tocante as práticas pedagógicas no primeiro ano do ensino fundamental, com ênfase na questão do ingresso da criança de seis anos de idade e os enfrentamentos nas práticas escolares. Para a realização deste estudo o aluno deverá realizar entrevista semi estruturada com todos os professores todos os professores da rede municipal que estão ministrando aulas para o primeiro ano do ensino fundamental desde o início do ano, previamente agendadas e autorizadas pelo sujeito da pesquisa. Asseguramos que o trabalho será pautado nos princípios da ética científica e declaramos que tanto a instituição, como os sujeitos da pesquisa não serão em hipótese alguma identificados no trabalho, preservando o anonimato; declaramos, outros sim que o conteúdo a ser analisado será exclusivamente para fins acadêmicos.

Agradecemos a colaboração e declaramos o termo de consentimento livre e esclarecido.

Eu, Profa. Dra. Márcia Cristina Argenti Perez, declaro ser responsável pela orientação e pelo respeito aos princípios da ética científica do estudo do aluno **Ezequiel de Melo**.

Eu, **Ezequiel de Melo**, CPF: 301645768-78 declaro ser responsável pela realização do estudo e pelo respeito aos princípios da ética científica.

Eu, _____,

CPF _____.

Autorizo a realização do estudo tendo plenos direitos de retirar este termo a qualquer tempo, sob qualquer hipótese, desde que previamente comunicado ao pesquisador responsável.

Assinatura _____

Data __/__/__